

# Grupo tenta melhorar o Congresso

O "NOVO PARLAMENTO", SUPRAPARTIDÁRIO, ATRIBUI ESCÂNDALOS COMO A DERRUBADA DO VETO DE ITAMAR À INEFICIÊNCIA DAS MESAS DIRETORAS.

O impasse na revisão constitucional e a repercussão negativa da derrubada do veto presidencial que limitava os salários de parlamentares, ocorrida na quarta-feira passada, tornaram ainda mais intensos os debates dos integrantes do grupo conhecido como Novo Parlamento. O grupo informal, sem número definido de "membros", reúne deputados que, apesar de terem pouca ou nenhuma afinidade ideológica, têm a preocupação de recuperar a eficiência e a imagem do Legislativo. Entre seus integrantes estão José Genoíno (PT-SP), Miro Teixeira (PDT-RJ), Sigmaringa Seixas (PSDB-DF) e Benito Gama (PFL-BA). Eles criticam a derrubada do veto presidencial e debatem parte dos problemas enfrentados pelo Legislativo à falta de comando das Mesas Diretoras do Congresso, à falta de discussões sobre pautas de votação e ao regimento interno.

"Não há comando, não há pauta, não há Mesa Diretora que tome iniciativas, que produza política", diz Genoíno. "A questão central é a pauta", afirma Benito. Ela tem de ser discutida com todos os parlamentares — e publicamente, para que a sociedade tome conhecimento do que o Legislativo está fazendo. Se na quarta-feira tivéssemos discutido a pauta, provavelmente a questão do veto não teria sido votada. Por mais CPIs que façamos, uma decisão assim joga o Congresso no chão".

Sigmaringa lembra que a definição das pautas é feita pelos líderes em conjunto com os presidentes das Casas. "Os líderes, por sua vez, conversam muito pouco com as bancadas. A maioria dos parla-

mentares se sente como mera coadjuvante do processo legislativo." Segundo ele, o caso dos salários foi "típico": os parlamentares só tomaram conhecimento do que estavam votando no momento de votar. "Muitos parlamentares estão ausentes porque não sabem o que vão votar. Insisto que todos os problemas são causados pela falta de comando."

Para Miro Teixeira, "as direções da Câmara e do Senado trabalham com um regimento remanescente do autoritarismo. É preciso mudá-lo". O diagnóstico de Genoíno é semelhante. "Herdamos do período da ditadura uma legislação sobre o funcionamento do Congresso com a qual a Cons-

tituinte não rompeu nem o Congresso Revisor está rompendo. O Congresso está sendo desgastado pela parcela fisiológica."

Ele vai além. "As Mesas Diretoras do Senado e da Câmara foram eleitas num estilo de corporativismo que gerou o que está aí. E o que acontece hoje no

Congresso? Quem atua nas emergências não tem o poder de fato. Quem tem o poder formal também não tem o poder de fato. Vivemos uma crise de hegemonia. Um grupo de deputados atua nos momentos de crise, mas não tem relação com o poder da Casa."

Quanto à revisão, Miro resume o pensamento predominante no grupo. "Há deputados e senadores na Casa para a revisão, mas não há quórum em plenário, porque não existe ânimo para a reforma", diz ele. Benito faz a autocrítica do Parlamento. "Temos o poder institucional, mas não o estamos exercendo para o bem, só para o mal", reconhece.



Arquivo/AE

Benito: poder para o mal.